

Conversa com Paulo Freire



Paulo Freire, na ECC

Paulo Freire, educador emérito, pensador, autor de numerosos livros (traduzidos em 18 idiomas) e responsável pelo Método Paulo Freire de Educação, foi cassado pela revolução de 1964 e obrigado a deixar o Brasil por alguns anos. Morou algum tempo no Chile e nos Estados Unidos, onde continuou escrevendo.

Atualmente foi Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, no governo da Prefeitura Luiza Erundina. Hoje, além do seu trabalho como escritor, é professor na PUC de São Paulo.

A abertura das atividades da Escola Comunitária de Campinas, neste ano, tivemos o privilégio de realizar um encontro com ele para uma longa reflexão em torno de alguns aspectos fundamentais da educação.

O encontro aconteceu no pátio da Escola, na manhã do dia 2 de fevereiro, onde professores, funcionários e pais ali presentes tiveram oportunidade de suscitar temas para as colocações de nosso convidado.

Com o intuito de repartir com nossos leitores a mensagem de Paulo Freire, transcrevemos aqui seu discurso esperando que suas palavras frutifiquem e nos acompanhem durante todo o ano.



e o processo de aprender é parte do processo de ensinar. Errear é um momento fundamental no processo de aprender, pois o erro é a experiência que não deu certo. E corrigir o erro é refazer a experiência que não deu certo.

Então não há ensinar sem aprender e os dois são momentos de um processo maior - o conhecimento. Para aprender eu preciso ensinar e para ensinar preciso ter aprendido e continuar aprendendo.

O professor que pensa que já sabe tudo não pode ensinar, porque na verdade só sabemos ao re-saber, ao re-conhecer coisas que eu já sabia. Uma das belezas do processo de ensinar é justamente essa possibilidade que se abre de continuar aprendendo.

O processo de conhecer e de produzir conhecimentos é um processo social, do qual também faz parte uma dimensão individual, que deve ser respeitada. Eu não conheço sozinho, minha dimensão pessoal, particular, essa coisa que é só minha, íntima, privada, que faz com que eu seja só eu, não basta para que eu explique o meu processo de conhecimento, mas é indispensável.

O ser humano é programado para saber, sua história é uma história de possibilidades. Mas, é necessário criar condições para que o sonho se dê. Deve existir sempre uma cumplicidade entre o educador e o educando, pois sem essa cumplicidade não há educação. Cabe ao educador promover essa cumplicidade (que não é conivência, mas aceitação do legítimo) para fazer melhor a prática.

Outra coisa fundamental para mim, como educador, é a minha clareza política. Desde os seis anos que me vejo escrevendo, falando, discutindo, e aos vinte, aos trinta, aos setenta e dois anos... porque acredito em certos sonhos. Acredito

que o ser humano é programado para saber e não é possível que um ser assim programado, possa naturalmente desistir de querer saber.

É preciso que nós, educadores, tenhamos um espaço para discutir essas coisas. Que paremos diante da nossa prática educativa para poder examiná-la. O conceito é uma abstração do concreto. Para conceituar eu preciso primeiro fazer a experiência concreta da abstração que o conceito me possibilita. E eu só conceituo na medida que vivo a experiência concreta.

A experiência pedagógica implica sujeitos que vivam a prática, que a experimentem. Quando digo sujeitos, já tenho nessa afirmação uma opção político-ideológica. De um lado tenho o sujeito educador, enquanto formador, e do outro o sujeito educando - sujeito do processo de se formar.

Quando o educando é reduzido a pura incidência da ação do educador, temos aí uma distorção autoritária, já não é mais uma prática democrática. E aí aparecem as tradições de gente que faz um discurso progressista, mas tem uma prática reacionária.

Medo x Coragem

Certa vez, numa conversa com adolescentes, uma menina de 13 anos me disse:

- Paulo você me pergunta que escola eu gostaria de ter. Eu gostaria de ter uma escola que fosse diferente de minha mãe.

- Acho que estou entendendo o que você está querendo dizer, mas me explica melhor.

- Uma escola que tenha mais coragem de acreditar nos adolescentes, do que minha mãe tem. Uma escola que tenha menos medo da vida.

Vejam, "a escola que eu quero é uma escola que tenha mais coragem do que minha mãe..." isso é "profundamente

profundo". Ai não há apenas uma crítica, há também uma compreensão do medo da mãe e uma insatisfação enorme contra esse medo.

Uma das nossas tarefas, como educadores que somos, é discutir com os adolescentes o problema do medo. O que é medo? O medo não é a negação da coragem, mas é a razão de ser da coragem. Eu só tenho coragem na medida que eu lido bem com o meu medo.

A minha coragem é o medo limitado e não o contrário. Quanto mais eu sou capaz de me estruturar emocional e intelectualmente, para me aproximar das razões do meu medo, mais eu posso ganhar coragem.

Então a coragem não é a fuga louca, não é a loucura de olhos fechados, cujo sujeito parte doidamente para a morte. Isso não é coragem, isso é loucura. Eu costumei dizer que quem faz história é gente viva.

Herói existe nas lutas, mas não porque o cara quis ser herói. Morreu no meio do caminho, mas ele gostaria de estar vivo. (Eu, por exemplo, gostaria de estar vivo até esse país melhorar. Não sei se vai ser possível!).

Autoridade x Autoritarismo

Há momentos em que a autoridade ao exercer-se como tal, aparentemente está sendo autoritária, mas na verdade não. Está tendo autoridade e usando-a. É interessante observar que a tradição brasileira do autoritarismo é tão forte que a sociedade brasileira não conseguiu ainda resolver o problema da compreensão crítica do que é

Continua na página 8